XI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA E
XXIX Semana de Iniciação Científica
Ciência, Inovação e Transformação Social no Semiárido
16 a 19 de Novembro de 2026
URCA-Universidade Regional do Cariri - Campus Iguatu
PRPGP- Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

DETERMINANTES DA OCUPAÇÃO E DA INFORMALIDADE NO MERCADO DE TRABALHO CEARENSE: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DE RAÇA/COR E GÊNERO (2020-2025)

Daiana de Souza Bezerra[1], Soraia Araújo Madeira[2]

Resumo: A recuperação do mercado de trabalho após a pandemia de COVID-19 não implica, necessariamente, a redução das desigualdades estruturais de raça/cor e gênero historicamente documentadas no Brasil. No Ceará, a taxa de desocupação atingiu em 2025 o menor patamar da série histórica estadual, o que torna relevante investigar se essa retomada beneficiou igualmente os diferentes grupos sociais. Este trabalho tem como objetivo analisar os fatores associados à probabilidade de ocupação e de informalidade no mercado de trabalho cearense entre 2020 e 2025, com foco nas desigualdades de raça/cor e gênero. Com os microdados da PNAD Contínua (IBGE) para o Ceará, referentes aos quatro trimestres de 2020 e de 2025, foram estimados dois modelos logit com desenho amostral complexo: o primeiro para a probabilidade de estar ocupado e o segundo, restrito aos ocupados, para a probabilidade de informalidade. Ambos controlam por escolaridade, idade, situação rural/urbana, trimestre e ano, e têm como variável de interesse o grupo de raça/cor e gênero, com o homem branco/amarelo como categoria de referência; os resultados são apresentados como efeitos marginais médios. Os resultados mostram que, apesar da recuperação do mercado de trabalho, com aumento da taxa de ocupação em todos os grupos entre 2020 e 2025, as desigualdades estruturais persistem: mulheres, independentemente da raça/cor, apresentam probabilidade de ocupação entre 19 e 20 pontos percentuais menor que a de homens brancos/amarelos, e mulheres pretas/pardas acumulam a maior probabilidade de informalidade entre os quatro grupos (+8,2 pontos percentuais). Entre os homens, a raça deixa de diferenciar estatisticamente a informalidade após os controles, mas persiste um diferencial positivo condicional dos pretos/pardos na ocupação, resultado que diverge do padrão nacional e é apontado como agenda de pesquisa. Escolaridade e localização rural são os controles mais fortes dos dois modelos. Conclui-se que a recuperação do mercado de trabalho cearense não reduziu o hiato de gênero, o que reforça a necessidade de políticas de formalização e de combate à desigualdade direcionadas a mulheres, sobretudo pretas e pardas.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Desigualdade de gênero. Desigualdade racial. Informalidade. PNAD Contínua.

1. Introdução

A pandemia de COVID-19 impôs ao mercado de trabalho brasileiro um choque cujos efeitos não se distribuíram de forma homogênea entre os grupos sociais (Costa; Barbosa; Hecksher, 2021). Antes mesmo da crise, o país já apresentava desigualdades estruturais de raça/cor e gênero na ocupação, no rendimento e na formalização (Abramo,

[1] Universidade Regional do Cariri, email: daiana.souza@urca.br
[2] Prof.ª Dr.ª da Universidade Regional do Cariri, email: soraia.araujo@urca.br

2006). No Ceará, a pandemia destruiu mais de 37 mil vínculos formais em 2020 (IPECE, 2021), mas, em 2025, a taxa de desocupação estadual alcançou 6,4%, o menor patamar da série histórica (IPECE, 2025).

A melhora agregada, todavia, pode mascarar uma recomposição desigual do mercado de trabalho. A literatura mostra que ele combina a segmentação ocupacional dos homens negros, a discriminação salarial contra mulheres brancas e a soma dos dois efeitos sobre as mulheres negras (Soares, 2000), e que a divisão sexual do trabalho restringe a inserção feminina em ocupações mais protegidas (Hirata; Kergoat, 2007). No Nordeste, mulheres negras seguem concentradas em posições inferiores e com menor acesso à formalização (Alves *et al.*, 2020) e, no Ceará, tiveram as maiores perdas de remuneração real entre 2018 e 2021 (Alves; Sousa; Costa, 2024).

Diante disso, pergunta-se: a recuperação do mercado de trabalho cearense entre 2020 e 2025 favoreceu igualmente homens e mulheres, pessoas brancas/amarelas e pretas/pardas, ou reproduziu as desigualdades já documentadas? O objetivo deste trabalho é analisar os fatores associados à probabilidade de ocupação e de informalidade no Ceará entre 2020 e 2025, com foco nas desigualdades de raça/cor e gênero.

2. Metodologia

Utilizam-se os microdados da PNAD Contínua trimestral (IBGE, 2020-2025) referentes aos quatro trimestres de 2020 e de 2025, restritos ao Ceará e a pessoas com 14 anos ou mais. As estimativas incorporam o desenho amostral complexo (pesos, estratos e UPAs), e os trimestres empilhados são tratados como cortes transversais repetidos.

Foram estimados dois modelos logit. No Modelo 1, a variável dependente é *ocupado* (1 se a pessoa estava ocupada na semana de referência; 0 se desocupada ou fora da força de trabalho). No Modelo 2, restrito aos ocupados, a variável dependente é *informal* (1 para sem carteira, familiar auxiliar ou conta própria/empregador sem contribuição previdenciária). A variável de interesse combina sexo e raça/cor em quatro grupos: homem branco/amarelo (referência), mulher branca/amarela, mulher preta/parda e homem preto/pardo. Os controles incluem escolaridade (quatro níveis), idade, situação rural/urbana, trimestre e ano. A probabilidade do evento é dada por:

$$P(Y_{it} = 1|X_{it}) = \Lambda(X_{it}'\beta) = \frac{e^{X_{it}'\beta}}{1+e^{X_{it}'\beta}} \quad (1)$$

em que $\Lambda(\cdot)$ é a função logística acumulada e X é o vetor de variáveis explicativas. Os resultados são reportados como efeitos marginais médios, em pontos percentuais (p.p.), de leitura mais direta que os coeficientes. Também foram estimadas probabilidades preditas por grupo e ano e, como teste de robustez, os modelos foram reestimados sem a interação tripla entre grupo, trimestre e ano. Os resultados expressam associações condicionais, e não efeitos causais.

3. Resultados e Discussão

Entre 2020 e 2025, a taxa de ocupação aumentou em todos os grupos, em linha com a recuperação agregada (IPECE, 2025). O hiato de gênero, porém, é muito maior

que o racial: em 2025, 59,05% dos homens e 39,06% das mulheres estavam ocupados (quase 20 p.p. de diferença), contra 49,62% das pessoas brancas/amarelas e 48,12% das pretas/pardas. Na informalidade bruta ocorre o inverso: a diferença por raça/cor (cerca de 9 p.p.) supera a de gênero. Na renda, mulheres pretas/pardas são o grupo mais concentrado até 1/4 de salário mínimo (12,10% em 2025, contra 6,39% dos homens brancos/amarelos).

Tabela 1 - Efeitos marginais médios (p.p.) sobre a probabilidade de ocupação e de informalidade, Ceará, 2020 e 2025

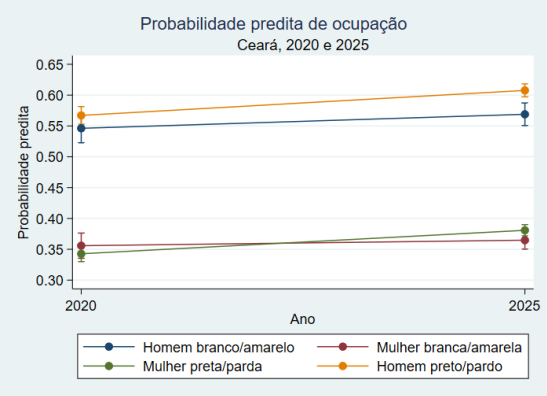
Variável	**Modelo 1 - Ocupação**	**Modelo 2 - Informalidade**
Mulher branca/amarela	-19,74*** (0,89)	+5,10*** (1,31)
Mulher preta/parda	-19,56*** (0,88)	+8,17*** (1,18)
Homem preto/pardo	+3,00*** (0,82)	+1,56 (1,11)
Ano 2025	+3,35*** (0,56)	+1,48 (0,98)
Fund. completo/médio incompleto	+3,23*** (0,81)	-11,05*** (1,19)
Médio completo/superior incompleto	+24,06*** (0,66)	-31,34*** (1,06)
Superior completo	+44,00*** (0,95)	-46,99*** (1,27)
Idade (por ano)	-0,10*** (0,02)	-0,23*** (0,03)
Rural	-7,81*** (0,67)	+18,09*** (1,11)
Número de observações	136.426	59.307

Nota: erro-padrão entre parênteses; *** p<0,01. Referências: homem branco/amarelo, 1º trimestre, 2020, até fundamental incompleto e área urbana; dummies de trimestre omitidas.
Fonte: elaboração própria com base nos microdados da PNAD Contínua (IBGE).

A penalidade de gênero é o achado mais robusto do Modelo 1: mulheres brancas/amarelas e pretas/pardas têm probabilidade de ocupação 19,74 e 19,56 p.p. menor, respectivamente, que a de homens brancos/amarelos. O Gráfico 1 mostra que as quatro trajetórias sobem entre 2020 e 2025, mas a distância entre homens e mulheres não se altera, em linha com Costa, Barbosa e Hecksher (2021). Já os homens pretos/pardos, controladas escolaridade, idade e localização, apresentam probabilidade de ocupação 3,0 p.p. maior que a dos homens brancos/amarelos.

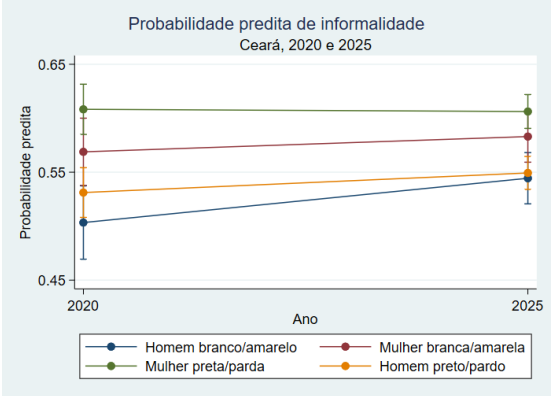
No Modelo 2, o eixo dominante se inverte. Controladas as covariáveis, a raça deixa de diferenciar estatisticamente a informalidade entre os homens (+1,56 p.p.; p = 0,160), enquanto o gênero se torna o divisor robusto. Mulheres pretas/pardas têm a maior probabilidade de informalidade entre os quatro grupos (+8,17 p.p.), evidência da dupla desvantagem racial e de gênero apontada por Alves *et al.* (2020), e mulheres brancas/amarelas também registram efeito positivo e significativo (+5,10 p.p.), como ilustra o Gráfico 2. Escolaridade e ruralidade são os controles mais fortes dos dois modelos: o ensino superior eleva a ocupação em 44,00 p.p. e reduz a informalidade em 46,99 p.p., em consonância com a Teoria do Capital Humano (Faustino; Araújo; Maia, 2017), e a residência rural eleva a informalidade em 18,09 p.p. Na especificação de robustez, os efeitos permanecem praticamente idênticos.

Gráfico 1 - Probabilidade predita de ocupação por grupo de raça/cor e gênero, Ceará, 2020 e 2025



Fonte: elaboração própria com base na PNAD Contínua (IBGE).

Gráfico 2 - Probabilidade predita de informalidade por grupo de raça/cor e gênero, Ceará, 2020 e 2025



Fonte: elaboração própria com base na PNAD Contínua (IBGE).

Em relação a Tavares, Costa e Almeida (2023), com modelos equivalentes para o Brasil, há convergência na penalidade de gênero e no papel da escolaridade, mas divergência em dois pontos: o diferencial positivo dos homens pretos/pardos na ocupação, possivelmente ligado à composição setorial cearense (construção civil e agropecuária), e a maior informalidade das mulheres brancas/amarelas, que no Brasil apresentam probabilidade menor (-2,2 p.p.).

4. Considerações Finais

A recuperação do mercado de trabalho cearense entre 2020 e 2025 é real, mas não reduz o hiato de gênero: mulheres, independentemente da raça/cor, permanecem em desvantagem significativa na ocupação, e mulheres pretas/pardas acumulam a maior probabilidade de informalidade. A escolaridade se confirma como o principal fator de proteção, e a residência rural, como fator adicional de vulnerabilidade. Como limitação, o modelo não controla por setor de atividade, o que, junto com a modelagem da renda, compõe a agenda futura. As políticas de formalização no Ceará precisam incorporar a dimensão de gênero, sobretudo para mulheres pretas e pardas.

5. Agradecimentos

A autora agradece à Universidade Regional do Cariri (URCA), por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), pela bolsa de iniciação científica concedida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, modalidade URCA/BSOCIAL (Chamada Pública nº 01/2026 - PIBIC/URCA/BSOCIAL).

6. Referências

ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006.

ALVES, Christiane Luci Bezerra *et al.* Padrão de inserção da mulher negra no mercado de trabalho nordestino: notas para o período 2005-2014. **Redes**: Revista do Desenvolvimento Regional, n. 25, p. 2713-2736, 2020.

ALVES, Christiane Luci Bezerra; SOUSA, Ana Leticia Alves de; COSTA, Wendell Sousa Felipe da. Desigualdade remuneratória para mulheres negras no mercado de trabalho formal cearense: análise pré e pós-pandemia para 2018 e 2021. **Informe GEPEC**, v. 28, n. 2, p. 417-440, 2024.

COSTA, Joana Simões; BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; HECKSHER, Marcos. **Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da covid-19**. Rio de Janeiro: IPEA, 2021. (Texto para Discussão, n. 2684).

FAUSTINO, Izabel; ARAÚJO, Elisangela; MAIA, Katy. Mercado de trabalho e discriminação: uma análise das diferenças salariais e discriminação por gênero no Brasil e macrorregiões (2004-2014). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 45., 2017. **Anais** [...]. [*S. l.*]: ANPEC, 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: microdados trimestrais. Rio de Janeiro: IBGE, 2020-2025. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html. Acesso em: 26 ago. 2026.

IPECE - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Informe nº 200**: efeitos da Covid-19 sobre o mercado de trabalho formal cearense a partir dos dados da RAIS de 2020. Fortaleza: IPECE, dez. 2021.

IPECE - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Termômetro do Mercado de Trabalho**: 3º trimestre de 2025. Fortaleza: IPECE, n. 33, nov. 2025.

SOARES, Sergei. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho**: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Texto para Discussão, n. 769).

TAVARES, Mateus Rodrigues Gonçalves; COSTA, Lorena Vieira; ALMEIDA, Ana Cecília de. Uma análise sobre as desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho durante a pandemia de COVID-19. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 53, n. 4, p. 691-725, 2023.